



## RUINAS — Mosteiro de S. João de Tarouca

(O primeiro da Ordem Cisterciense, da Peninsula) (Cliché de Marques Abreu)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$40,  
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador  
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 148

Braga, 29 de abril de 1916

Anno III



# Ornamentos da Casa Estrella

Offiçinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa

Fundada em 1874



**Peçam**  
**o nosso**  
**catálogo**  
**illustrado**  
**com 143**  
**gravuras,**  
**que se**  
**enviam**  
**gratis.**

— **PORTO** —

Rua do Bomjardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 59 a 63 —



**Aos nossos**  
**trabalho**  
**foram**  
**concedidos**  
**os mais**  
**altos pre-**  
**mios nas**  
**Exposi-**  
**ções In-**  
**dustriaes**  
**Portugue-**  
**zas de 1887**  
**e 1897.**

— **GUARDA** —

Representante depositario  
CASA SUCENA  
Rua Hellodoro Salgado



Specimen d'uma escultura em mudeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiçaes, jarras, ramos, custodias, relicarios, calice pexides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carilhões de campainhas, turibulos e navetas, cruzes processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestes do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA e a fornecedora das principaes casas con-**  
**generes no estrangeiro, e a que mais Egrejas fornece no Cont-**  
**inente, Ilhas, Brazil, etc . . .**





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peiroto.

Braga, 29 de abril de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 148—Anno III



Cardeal Bisleti





## Longe do mundo . . .

AQUI, entre serranias rochosas cujas cristas recorlam caprichosamente o céu que nos é dado vêr, n'esta manhã primaveril d'alleluia parece que um mysterio renovador das coisas e da vida se elabora, nas viridencias turgidas dos rebentos, no cantico de luminoso frescor que nos ramos ainda mal cobertos começa de entoar-se, no ruído tão suave e tão crystallinamente timbrado das aguas puras que decorrem na face das montanhas para os paues e lameiros, como uma perenne graça de vida, um constante baptismo e um dulcissimo conforto . . . Mal os sinos esta manhã me vieram abrir os olhos para a contemplação longa e demorada da alegria rutila da manhã doirada, já o sol andava a disparzir sobre estas casas em redor mil pequeninas frechas lucilantes.

De subito, foguetes estoiravam, e o seu estampido e os sons baricolados d'uma fanfarra subiam juntos entre um alarido de rapazio grazinador e estouvado, ás cabriolas . . . Alleluia! . . . Como ainda aqui, nos refêgos d'estes montes, no refugio d'estas aldeias, eu, um exilado da cidade, um dos muitos pallidos forçados d'esta vida moderna exgotante e nervosa, vim encontrar por acaso, aquella alegria ao mesmo tempo sádia, esplendida e calma que ha tantos, tantos annos eu perdera sem esperanza, de vista, nas longas caminhadas do trabalho! . . .

É sente-se que esta alegria é toda ella christã como as *Avé-Marias*, uma alegria forte como a ascensão das seivas, uma alegria côrada, aberta em sorriso, mansos olhos côr do céu, uma alegria feita de triumpho . . . porque este povo ainda! ainda chora deante da imagem de Jesus Crucificado . . .

É sente-se que esta alegria é o antidoto da decrepitude moral e do physico desgaste que lá em baixo vermina e corroe tudo como lepra, que é o remedio para a fadiga mental que as fronteas conturba nos vastos burgos rumorosos, e para-a como inercia ou apathia de pantano que no dominio das consciencias lá em baixo creou esse typo indefinivel do arrivista, do semi-comopolita, ou do homem-automato que é o tronco commum do facinora, do galuno de gravata, do hypocrita lambujador, do traficante audaz, do ambicioso sem honor, do fatalista que aguarda trabalhando como bestas, a crise que lhe gritará ao ouvido a solução brutal do suicidio . . .

Como é bom repousar no meio d'esta alegria—longe dos homens, longe d'aquelle *maelstrom*, de loucura e de vicio a que os Doutores e Evangelistas da Igreja tão bem! tão bem chamaram o mundo, em contraste com o céu!

De facto, uma simples recordação do que se denomina a *vida moderna*, toma aqui, n'este recolhimento profundo das montanhas, um colorido bizarro que eu examino com a curiosidade d'um extranho. *Vida intensa* ella é como febre permanentemente esgotando as forças d'um homem robusto.

Não se sente, é verdade, este desgaste dos nervos, esta trepidante agitação que nos esfalta.

O espirito volteia como em torvelinho, e é notavel como apesar da constante sobre excitação, uma pezada atmospheria o rodeia e o conturba. É de facto uma febre o ruído, as noticias, o entrechoque das ruas, o vozeio da multidão que passa a todo o momento acirram, de dia na azafama doida da labuta, de noite no ar dos salões adensado pelas respirações e pelo fumo. Agora um alarme, logo uma intriga, depois um rapido movimento de tedio, a nota de um horror, o crime immundo—tudo, tudo nos põe lá em baixo em sobresalto. E quando a noite nos traz a casa, então sente-se bem a tensão medonha em que se vive, a cabeça a pender para traz, os olhos a cerrarem-se . . . para um somno afinal, de pesadêlo!

É aqui? Aqui a vida tem o sabor fresco dos primeiros fructos, e a calma relativa do tempo a decorrer sem empuchões.

Como as tempestades, que assumem grandezas nunca vistas e uma imponente belleza, aqui, até aos mesmos dissabores é facil encontrar remedio rapido.

Basta que nos afastemos um pouco do caminho, para a paz do lar.

Na cidade porém, quando a cilada nos colhe, para onde fugir, se as malhas d'ella se estendem, de casa em casa, de rua em rua?

Pôdes tu, leitor, imaginar agora, o que, sejam estas horas de anciedade historica nos grandes centros da nossa epocha.

Como eu ha pouco as revivi bem ao contacto do povo rude d'estos serranias.

Eram de ouvir, outro dia, os commentarios d'elles, ás phrases ardidas d'um expedicionario sobre a covardia dos officiaes em Nauiilla, dizia elle, e a nossa necessidade de ir para a guerra. O incendio do Arsenal era para elles, «uma *manobra* p'ra ganhar *massa*.» Já d'ontes era assim, dizia o povo. E o expedicionario volvia:

—Mas temos de ir . . . Morra homem, fique fama.

E todos se callaram, pensativos:

E na cidade? Que se pensa? . . .

. . . Recordas-te leitor, d'aquelle bochechudo Damaso dos *Maias*. D'uma vez, que ao jantar se fallava da invasão hespanhã, e o poeta Alencar já pedia uma espingarda, Damaso, er-



guendo a voz pausadamente, disse com um ar de bom senso e de finura:

—Se as cousas, chegassem a esse ponto; se puzessem assim feias, eu cá, á cautella, ia-me raspando para Paris...

O grande Damaso ... *moderno!*

F. V.

## VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

### Nocturno



A hora religiosa do escurecer, á hora discreta da penumbra, que envolve a natureza adormecida n'um sudario de sombra, costume debruçar-me para a paisagem triste do crepusculo, da rasgada janella do meu quarto, toda vestida de trepa-deiras, com a garridice d'algumas rosas vermelhas, esplendidas, sensuaes. E' d'alli que, commovido, enthusiasmado, procuro embrenhar-me na subtil poesia das coisas, na mysteriosa epica belleza das plantas, olhando a massa negra dos montes, os alpendres sinistros dos pinheiros rufando ao vento, como azas de vellas ignotas, a tranquillidade das varzeas, os trigaes ondulando, como agitados por extranhas marés revoltas, a placidez dos outeiros, a calma religiosa e feliz do entardecer.

E assim, tocada do mesmo sonho, mordida da mesma recolhida uncção, a minha alma debruça-se para o passado a desfiar as suas lembranças e as suas illusões, a farandola vaga das suas alegrias e das suas tristezas. o relembrar agri-doce das horas fugidias de ventura e de sonho, como se corresse devota, as contas d'um extranho rosario, enternecidamente enfiado de saudades e recordações.

A meia encosta, na velha igreja, escondido entre a ramaria verde dos carvalhos, o sino toca, e a sua voz, repercutindo, echoando, de quebrada em quebrada, parece a voz enternecida d'uma mãe carinhosa, que chamasse ternamente os filhos para a reza da noite.

Por isso, silencioso e devoto, o povo, passando, caminho do lar, onde tanta alegria, tanta decepção o espera, dá-se ao prazer raro de relembrar, porque a voz melancholica d'aquelle

sino desperta-lhe as mais doces recordações, penetra-lhe a alma sentimental e rude, d'uma amargura suave, d'uma terna e subtil consolação. Sino ingenuo, commovido, que a aldeia conhece como um velho amigo, que sempre teve um riso para os que nasceram, uma lagrima, um queixume, para os mortos queridos, que cantou festivo, no dia alegre do noivado e dobrou, plangeu enternecido, na hora derradeira da morte... E a voz commovida d'aldeia, respassada de tristezas, cheia de boas recordações vae echoando de serra em serra: Avê-Maria.

A noite desce. O fumo eleva-se dos casaes distantes onde já canta a chamma alegre das fogueiras vasando pelos postigos uma luz mortifica, aqui, além, por toda a aldeia, envolta em sombra, apenas mordida caprichosamente, por esses fogachos miseraveis, que luzem, estremeem na treva como raros pyrilampos. Chiam carros na estrada e as aguas cantam rumorosas, nas fontes, nas levadas, nos ribeiros e nas represas.

De longe, como um queixume, como um lamento, vem o echo d'uma voz longinqua, gemendo o fado. Arrasta-se, treme, soluça, aquella epica enternecida melodia, que é toda a epopeia sentimental d'uma raça, todo o character d'um povo d'heroes e de santos, a enquadrar-se na simplicidade subtil d'aquelle doce musica ingenua. Se a alma fallasse, a sua voz seria a voz d'uma guitarra, suspirando uma simples e commovente melodia que é toda uma raça, toda a physionomia espiritual d'uma nacionalidade. E a voz longinqua corre pela immensa planicie, triste, arrastada, saudosa. Boa, admiravel gente escravizada, que para cada alegria, para cada tristeza, para cada amargura, para cada tarefa, tem sempre uma cantiga! Raça humilde, soffredora, que nasceu a cantar e cantando vive e morre; a cantar lavra, monda e ceifa; casou a cantar e a cantar embala os filhos, nos pesares como nas alegrias, d'inverno e de verão, sempre, sempre cantando, a moda sentimental do Fado, que é a fulgida epopeia d'esta raça adormecida d'heroes.

Novamente, a voz echoou nas serranias... Admiravel gente! Depois da voz d'aldeia... a do coração! E havemos de morrer?!...





# Vozes do silencio...



POR JOÃO DE CASTRO.

Angelus. Paz. No ar de aromas impregnado  
Vibra plangente a voz dos sinos. Anoitece . . .  
Resa baixinho o mar, como um heroe prostrado.

Uma piedade immensa e magua enorme desce  
Nas bençãos do luar, a gaze latescente.  
Da Natureza em flôr exhala-se uma prece

Que se eleva até Deus, tremula e resplente  
Como a hostia divina e branca e mysteriosa  
Entre a nevoa do incenso e as orações do crente.

Traçam a voejar volutas côr de rosa  
Os pyrilampos de oiro. O orvalho cahe em perolas  
De uma alvura nitente, eburnea, vaporosa.

N'um verde laranjal desfere notas querolas  
Um doce rouxinol, saudoso, enamorado  
Das estrellas florindo entre paisagens cerulas.

Adivinha, talvez, no seu cantar maguado  
Como o de Bernardino, uma infinita dôr,  
A pallida chimera eterna de um noivado.

Na branda orchestração da luz, do som, da côr,  
Que áncia occulta palpita? Um treno compassivo  
Um hymno á morte, á vida? O teu poder, Senhor!

Getsmanica noite. Um velho pensativo  
Na aresta de uma escarpa. As languidas estrellas  
Teem um ar de quem soffre, um ar contemplativo,

Quaes monges a rezar no silencio das cellas  
Com o recolhimento, a doce beatitude  
Das santas virginaes nos nichos das capellas . . .

(Trecho d'um livro inédito.)



# Riscos...



II

## D'um dia de chuva...

POR JOSÉ BRANDÃO.



HOVE. A Natureza está triste, e a  
chuva parece-me a magua da Natu-  
reza, uma magua muito grande e  
muito infima, distillando gotta a gotta . . .

E' uma magua diluida mas constante, esta  
chuvinha fina, como que peneirada. E' uma  
saude calma a minha tristeza . . .

Vultos vagos deslisam, correm sob a chuva  
impiedosa. São as raras pessoas que andam  
presas á Rua pela grilheta da Vida e do Tra-  
balho . . .

Um cão vagabundo vae abrigar-se n'um  
portal e eu, com a cara collada aos vidros da  
minha janella, sigo com os olhos e com a alma  
a *silhouette* semi-bohemia d'aquelle cão e sinto  
na alma o frio da agua que escorre pelo seu  
pêlo d'um amarello sujo, d'uma tonalidade va-  
gamente melancholica . . . E á porta da minha  
alma batem inéditos sentimentos de ternura,  
amor e bondade . . .

O meu cigarro que arde lentamente tambem  
tem a sua alma: o fumo que se desprende e  
sobe em espiraes, revolteando, formando fi-  
guras de sonho, visões de cerebro torturado,  
semi-materialisações dos sonhos que eu ando  
a sonhar ha tanto tempo, illusões que só em  
fumo podem ser realidades . . .

Fecho os olhos. Ouço junto de mim, no si-  
lencio, na concentração torturante e torturada  
da minha alma, algum recitando versos de  
Rodenbach, vejo folhas cahindo n'um crepus-  
culo lilaz e d'um violino encantado desprende-  
se uma canção de Schumann, qualquer coisa  
suavemente triste, finamente melancholica . . .

. . . E a Natureza distilla a sua dôr na chu-  
va continua, fina, como que peneirada . . .

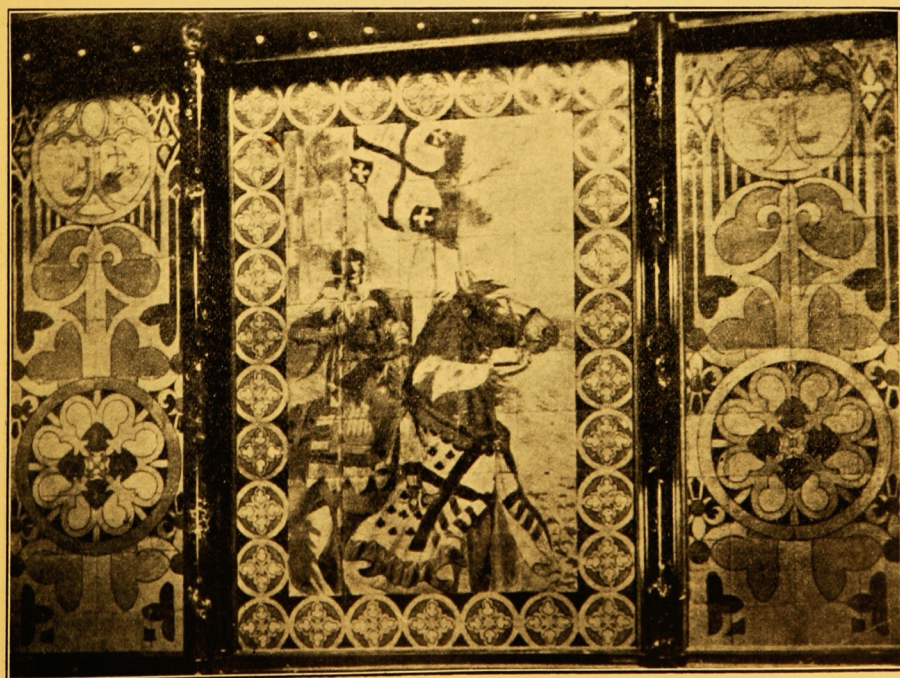
Coimbra—Fevereiro de 1916.



# PORTUGAL ARTISTICO



O MARINHEIRO—(Quadro de Constantino Fernandes, adquirido para o Museu)

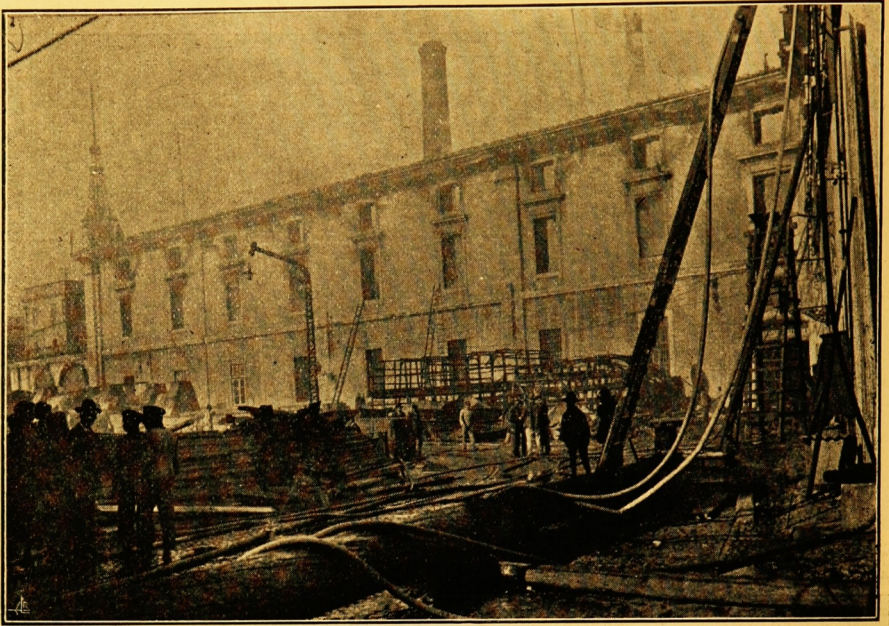


Azulejos do grande artista português, Jorge Colaço





## Lisboa—O pavoroso incêndio da Escola Naval

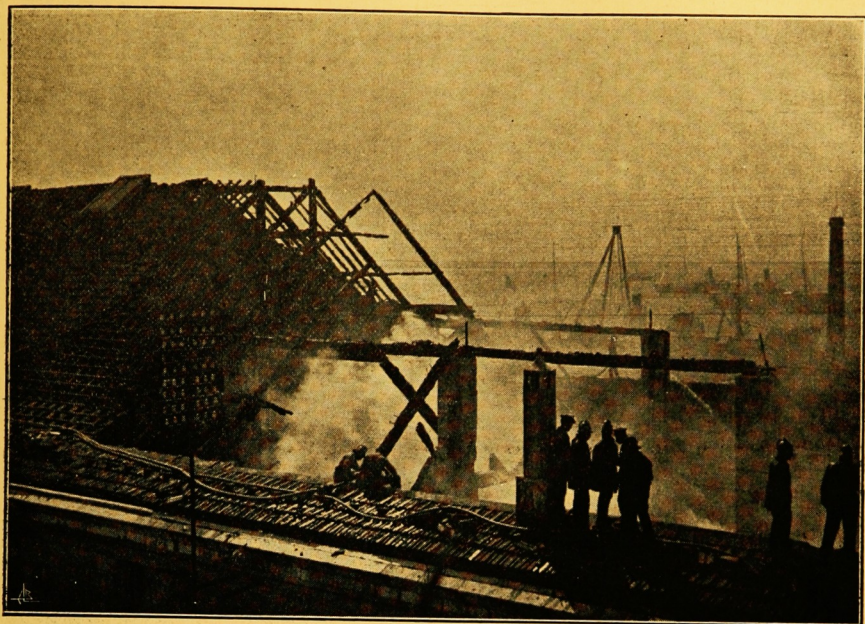


*O ataque dos bombeiros pelo lado do rio*

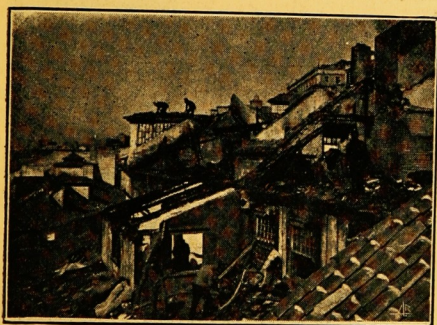


*A antiga sala do Risco. O seu estado actual*





Lisboa—Parte onde foi atalhado o incendio



O predio fronteiro que foi incendiado por effeito das faulhas



A Cruz Vermelha pensando feridos

## Um novo Ministro



A chegada do sr. Antonio Lopes Muñoz  $\frac{1}{2}$  novo ministro hespanhol, a Lisboa, acompanhado pelo O Marquez de Villasinda, antigo ministro



## Festa centenaria

Passou recentemente o 100.<sup>o</sup> anniversario da snr.<sup>a</sup> D. Joaquina da Fonseca Sampaio, que pertence a uma considerada familia da Trofa, concelho de Santo Thyrso, senhora muito estremecida pela sua numerosa familia e altamente respeitada por suas relações.

Casada aos 16 annos de idade teve 13 filhos, dez dos quaes existem. Era filha, a bondosa senhora, do dr. Joaquim Fonseca Cruz, de Bougado e cunhada do dr. Pedroso, vindo a ser tia do actual parochio da mesma villa, rev. padre Joaquim Augusto d'Azevedo Pedroso, conhecido e distinctissimo archeologo.

O pae da respeitavel centenaria, tendo ficado viuvo, cursou com o seu filho Manuel Cruz os estudos theologicos, ordenando-se com elle e celebrando missa nova no mesmo dia, indo ser depois coadjuutor do filho na parochia a este confiada.

A familia da snr.<sup>a</sup> D. Joaquina Sampaio



*A centenaria e os seus dez filhos*

celebrou o dia centenario da veneranda senhora com uma festa intima, precedida por uma missa, a qual foi celebrada pelo seu neto, o snr. dr. Abilio Pereira d'Araujo, a que se seguiu o *Te-Deum*



*Familia da centenaria e alguns convidados que assistiram á festa do seu jubileo centenario*



# Padre Antonio Vieira

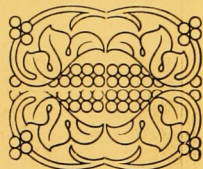
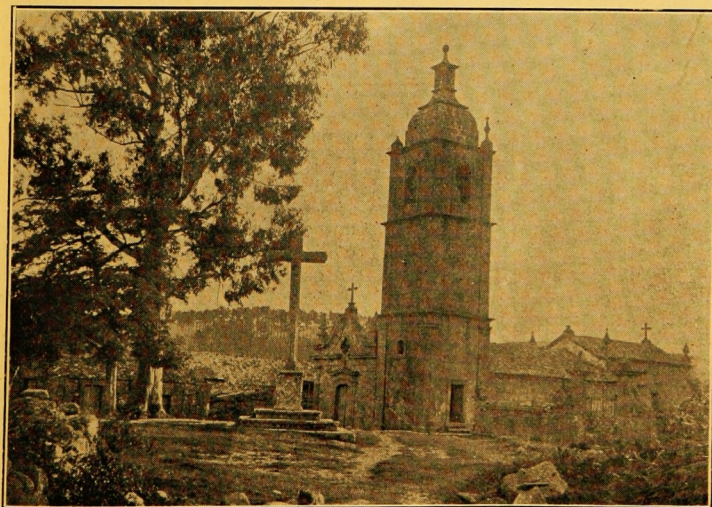
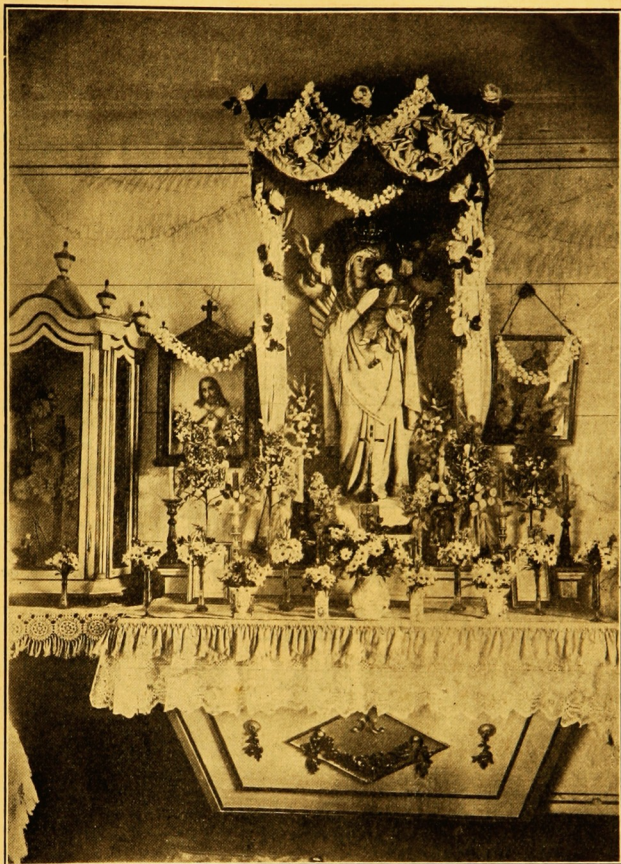


MFIM, no anno de 1653, julgou Vieira que era opportuno ir prégar no sertão, e para isso se dispoz. Novamente, porém, se lhe oppuzeram as circumstancias. Intentava subir pelo rio Tapicuru e prégar aos Indios que chamavam Barbados. A empreza, tão grandiosa como nova, bastava para lhe dar alentos e santas alegrias. Trouxe por isso com o Capitão-mór e outros o dia e o modo de partir.

Mas foi o mesmo Capitão-mór o principal obstaculo a tudo, não dando os Indios precisos á missão, e antes continuando a occupa-los nas suas lavouras.

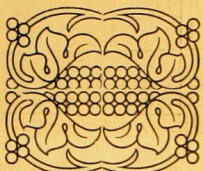
E fê-lo, usando de constantes dilacões nas quaes foi correndo o tempo desde Junho aos principios de Agosto, mez em que os rios d'aquellas regiões se tornam innavegaveis.

Comtudo, Vieira não desalentou. Sempre firme nos seus propositos, foi colhendo



1—Celleirós (Braga)  
Altar da Capella  
do snr. Bernardino José  
da Cruz Braga.

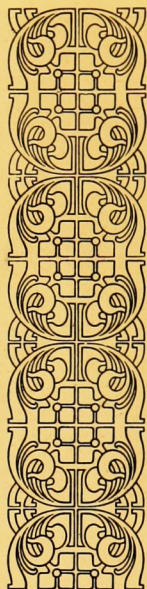
2—(Tondella). Vista  
da igreja parochial de S.  
João do Monte.





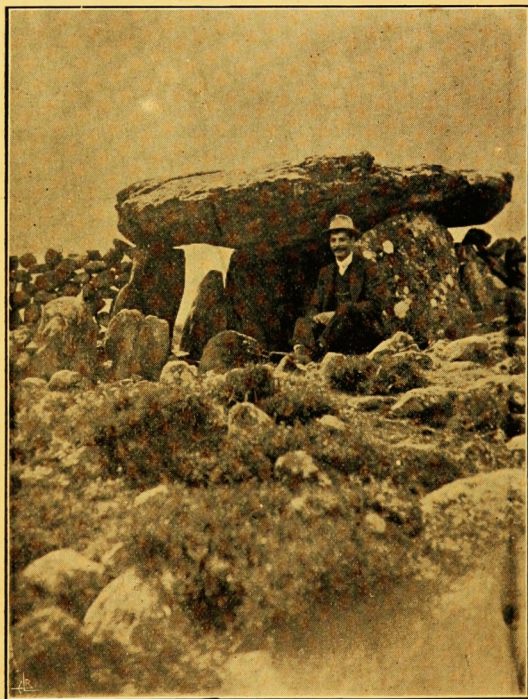


*Os tres amigos.—Da esquerda para a direita, Agostinho Nazareth, Fernando da Silva Mello e José de Mello Falcão*



*Ribeiradio (Oliveira de Frades)  
Imagem de Santo Affonso Maria de Ligorio, que se venera nã sua capella das Paredes de Santo Adrião*

## Portugal pre-historico



*Couto d'Esteves (Sever do Vouga).—Dolmen existente proximo da povoação da Cerqueira, visto do lado nascente*

informações precisas, alentando-se com a esperança de satisfazer, cedo ou tarde, os seus poderosos e ardentes desejos.

A nada se poupou Vieira para conquistar o posto espinhoso de missionario nos invios sertões. Venceu mil e um obstaculos que se succediam com singular frequencia. Animando a todos, apesar de o ferirem contrariedades que dariam desalento aos mais fortes, a sua constancia triumphou, emfim, pois que se lhe offereceu como realidade o velho sonho de tantos annos.

Escolheu então para companheiros os padres Francisco Velloso, Antonio Pinheiro e Manuel de Sousa, dos mais valentes da Milicia de Jesus.

Além d'isso, conheciam profundamente a lingua e costumes dos Indios, e dispunham da eloquencia evangelica que tantos prodigios tem operado desde os tempos maravilhosos das cacatumbas.

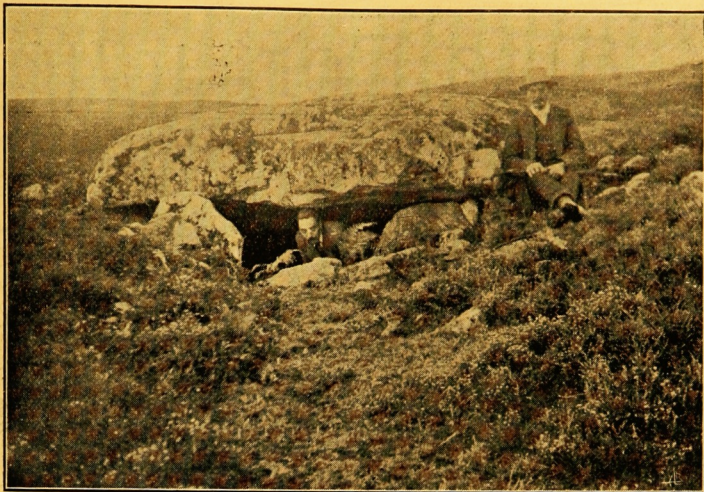
Simple e pratico era o plano do Padre Antonio Vieira, ou antes o seu escopo. Pretendia elle attrahir os Indios sertanejos, furtando-os à vida nómada, socialisá-los, formando aldeias, e fazê-los conscienciosos e morigerados vassallos de el-rei D. João IV.



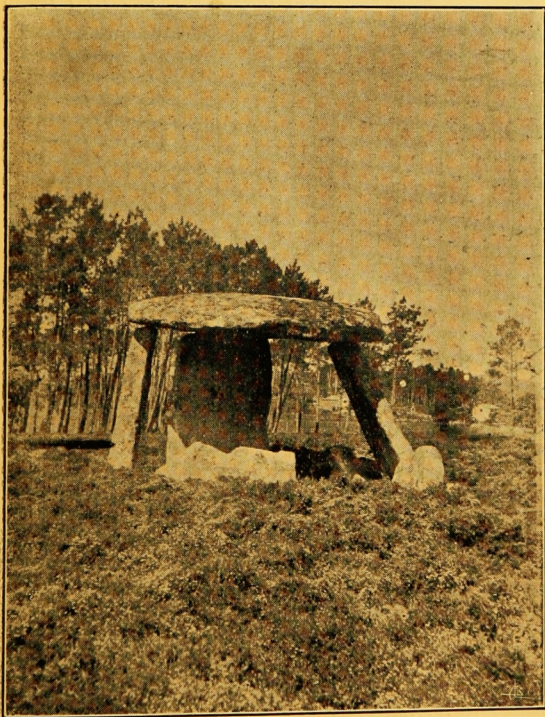
Assim solicitara do monarcha a precisa licença, e toda a sua alma se illuminava com a projecção grata d'esse sonho e plano.

la emfim partir. Era o Superior d'aquellas Missões, como o provava a ordem regia de que era portador. Que faltava? Apenas a licença do capitão-mór do Pará que decerto não podia nem devia exautorar quem com tão completa auctoridade se apresentava.

Pois enganava-se.



*Em Junqueira (Macieira de Cambra).—Dolmen existente proximo da povoação de Fontes-Casas (Junqueira) visto do lado nascente, unica parte ainda visivel exteriormente*



*Em Espirito Santo d'Arca (Oliveira de Frades.)  
Dolmen existente proximo da igreja parochial e povoação d'Arca  
visto do lado nascente.*

(Phots. de Tono Eiza.)

Satan não descansava nas hostilidades.

As contrariedades ainda não tinham findado.

O capitão-mór recebeu-o de má sombra.

Depois, cavilloso e ambicioso, tendo de ceder á ordem de El-Rei, sempre concedeu a Vieira a licença, dando-lhe a precisa escolta, mas instruiu secretamente o commandante d'ella, para que lhe assegurasse a posse dos Indios que Vieira queria libertar, dispondo d'elles por forma que continuassem verdadeiros escravos da Capitania.

Não se esqueceu o commandante da escolta das infernaes instrucções.

Partiram, e depressa Vieira notou que elle dispunha despoticamente de tudo. Protestou o grande Jesuita, mostrando a ordem regia, e ainda a que o Capitão-mór hypócritamente lhe dera. O commandante da escolta replicou-lhe cynicamente não estar resolvido a respeitar a ordem do soberano e não poder acatar a do Capitão-mór.

Vieira, indignado, deixou dois dos companheiros com os Indios, e correu ao Pará com o padre Francisco Velloso.

Diante do Capitão-mór lavrou o seu protesto, vivo e corajoso, e logo fez as mais justas reclamações.

(Continúa.)

JOSÉ AGOSTINHO



# Arte Portuguesa

QUERO CANTAR AO LUNAR  
OS OLHOS DA MINHA AMADA  
LOGO TE NASCERÁ PRA CANTAR  
MINHA BOCA FOI FADADA

VERSOS DE  
AS MAGURS QUE N'ALMA SINTO  
E QUE MAGURS, MINHA FLOR  
ENBRIAGAR MAIS QUE O ABSINTO  
PORQUE SÃO MAGURS T'AMOR

ILLUSÕES  
D'AMOR MÚSICA DE

1.  
A LUA DO CEU DEBAMA  
SOBRE A TERRA O BAILO SEU  
QUEM TEM ILLUSÕES, QUEM AMA  
DEVANTE OS OLHOS, QUEM AMA  
DO CEU

2.  
QUE AS ILLUSÕES DEB SENTIARS  
DÃO-NOS, A LUZ DO LUNAR,  
TRISTEZAS INDEFENIARS,  
MAGURS QUE FAZEM CHORAR

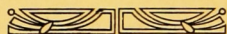
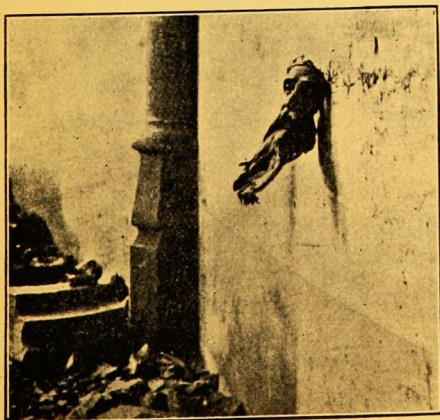
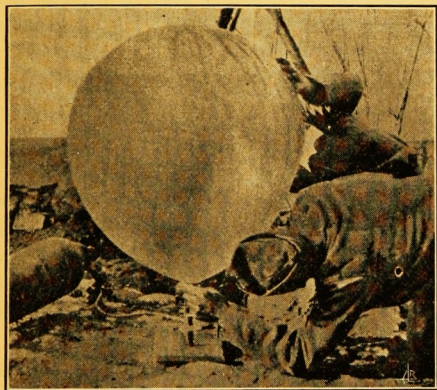
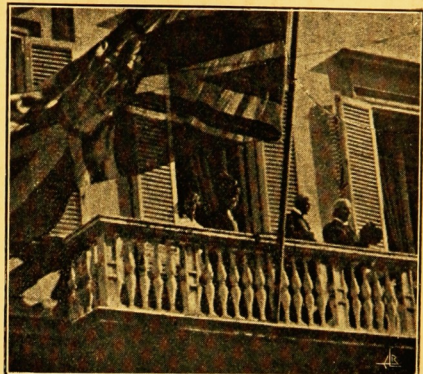
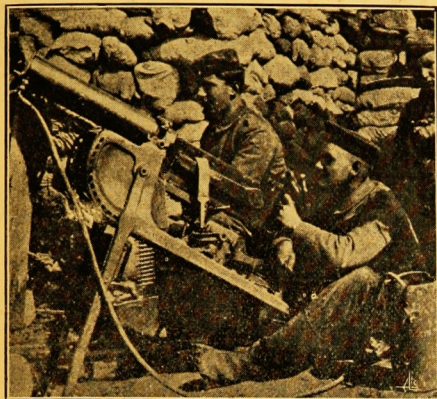
CÔRO  
BENDITO SEJA O AMOR  
FM QUE MINH'ALMA SE INFLAMA,  
POIS ATE' NOSSO SENHOR  
LÁ DO CEU BENDIR QUEM AMA.

S. Martinho do Porto  
9-IV-1916

## Illusões d'Amor

Musica da talentosa professora D. Estephania Leão Cabreira  
e versos do distincto e joven poeta Cabral Junior, residentes em S. Martinho do Porto





1—Uma nova metralhadora usada pelos alemães contra os aeroplanos inimigos.

2—M. Asquith em Roma, o presidente de ministros de Inglaterra, á janella da embaixada ingleza em Roma, agradecendo aos manifestantes.

3—Um pequeno balão usado pelos austriacos, para melhor verificarem a direcção do vento.

4—O general Cadorna em França, O generalissimo inspeccionando um regimento de cavallaria, ao norte de Reims.

5—No fim do bombardeamento d'uma egreja. O estado em que ficou a cabeça d'uma imagem do Coração de Jesus.





# REZA, ANJINHO!

POR JOSÉ AGOSTINHO.

Victoriasinha, ajoelha,  
E' tempo de amar Jesus . . .  
Assim traquina e vermelha,  
Tu pareces uma abelha,  
Mas o mel só o ha na Cruz.

Vem, de mãosinhas erguidas,  
D'olhos postos no Senhor;  
Elle é a Vida das vidas;  
Caminhos, forças, guaridas,  
Só as ha no scu Amor.

Ajoelha como uma estrella,  
Ao ver o Sol que fulgura . . .  
E's linda? Torna-te bella;  
Só a oração nos constella  
De adoravel formosura.

Roja-te aqui n'esta loisa,  
E contempla aquelle altar:  
Oh! não ha no mundo coisa  
Que valha a Fé que repouisa  
Depois de orar e chorar.

Assim mesmo, de mãos postas,  
Pelos teus pais adoptivos,  
Dos quaes tu dizes que gostas,  
Reza, filha, porque arrostas  
Com demonios sempre vivos.

Pede, reza ardentemente,  
Pela que chamas Mamã;  
A tua prece é torrente,  
Porque é d'alma, porque sente,  
Porque é pura, porque é sã.

Quando rezas, os anjinhos,  
Descem dos ceus a cantar;  
Parecem uns passarinhos,  
Pairando sobre os caminhos,  
Azas côr do nenuphar,

Para que tu lhes entregues  
As orações ao Senhor . . .  
Que milagre tu consegues!  
Como o Inimigo persegues,  
Minha filha, meu Amor!

Acabaste a oraçõesinha?  
Orastes pelos amigos?  
Por teus paes, pela madrinha?  
Pediste, bella andorinha,  
Pelos proprios inimigos?

Já entendes que é o perdão,  
O que é o Amor sem interesse?  
Aprendeste na oração  
Como é que o bom coração  
Na humildade resplandece?

Lembraste os teus bemfeitores,  
Já que o são meus com bondade!  
Não vês mais leves as dôres,  
Menos espinhos, mais fôres,  
Nos canteiros da saudade?

Aquelle santo Prelado,  
Nosso Dae espirital,  
Não o vês illuminado  
Por um clarão tão sagrado,  
Que lembra o Sol no Crystal?

Não achas melhor o mundo,  
Ao perdoar aos ruins?  
Não é tudo mais jocundo,  
O proprio Occeano profundo,  
Que quasi não tem confins?

E o ceu? Como elle te brilha  
Com ignota e doce luz!  
Ora olha a maravilha;  
Vê como o Sol, minha filha,  
Lembra os olhos de Jesus.

A nossa casa, o meu lar,  
Não é d'um milagre o exemplo?  
Rezas; e a meza é um altar,  
E tudo recorda um templo,  
Com harmonias de mar.

Nunca esqueças, pois, filhinha,  
A oração que te engrandece;  
Serei mais teu, e tu minha,  
Sempre ambos na mesma vinha,  
Que só Deus amadurece,

E' que a oração é o amparo  
Melhor da nossa jornada . . .  
Não ha cajado mais raro;  
Não ha thesoiro mais caro,  
Nem tambem melhor enxada.

Rezando, de mãos nas mãos,  
Idolatrada creança,  
Vamos, com os bons christãos,  
Sem erro, sem sonhos vãos,  
A' azul Bemaventurança!



# A caminhante



POR JOSÉ AGOSTINHO.



AQUELLA noite, calma como uma poesia bucolica, nenhuma estrella palpitava no azul sem que as boas almas não recebessem um beijo de luz.

Noite religiosa. A propria impiedade, maguada por uma especie de sentimento fluctuante, confessava a perturbação extranha que baixa de Deus nas noites unguidas de sonho e paz, porque os incredulos, como que acossados pela poesia e pela harmonia, corriam aos botequins, ao alcool, ao fumo, á maledicencia, ao jogo, ao ar envenenado e espesso, esquecendo-se da pompa e caricia do firmamento profundo.

E tu, martyr, caminhavas sorrindo para os teus espinhos, porque te bastavam as flôres luminosas do éo, as lucilantes e irrequietas estrellas. E eu, absorto e vagaroso, seguia-te de longe, como sombra d'essa sombra que é a tua angustia.

Foi-se adeantando a noite, e os teus pés foram tingindo de mais sangue as pedras e as urzes da jornada triste. A espaços, eu baixava-me sobre as tuas pégadas, julgando ver agonisar em cada uma d'ellas um pedaço da tua vida.

Depois, proseguia, fitando-te a esbelteza vaporosa, notando como a tua aureola de martyriseia ampliando tanto, que tocava os astros, parecendo ser recebida no coração dos anjos como um reflexo puro da Dor-Amor.

E o teu, o nosso, caminho nunca tinha fim. Tu caminhavas lentamente e eu nunca te abordava: eu corria com vertigem e ficava sempre longe de ti, mais lembrando uma tua imagem deformada do que um honesto companheiro de toda a tua existencia.

Quem eras? perguntava eu. Afinal, não se evidenciava o teu sexo. A tua tunica fluctuante lembrava a dos archanjos.

O teu passo tinha tanto de ave como de creatura humana. Caminhavas ha tantos annos como eu, e até então sempre longe de mim, embora ungindo-me sempre com a tua luz punvida e extranha.

Era um mysterio, pois, o teu ser. Mas o

teu mysterio tornava mysteriosa a minha existencia, incomprehensíveis os meus passos, guiados pelos teus. que eu não sabia por onde iam e quando cessariam de ensanguentar a terra.

N'aquella noite, porém, tu ias te deixando vencer pela minha vertigem, enquanto eu mais caminhava, e assim affrouxavas a marcha, penosa e tragica.

Emfim, comecei a ver te, nitida em todos os contornos, no olhar, no sorriso, nas menores rugas da face marmórea, e quando estacámos, quasi a par deante da Cruz, podiam de longe julgar-nos um só, o mesmo ser.

E ajoelhámos no mesmo impulso.

E tivemos as mesmas lagrimas e a mesma voz. E beijamos com os mesmos labios os pés de Jesus-Christo.

E, ao levantarmo-nos, completamente identificados depois de quarenta annos de divorcio melancolico, encontrei-te todo dentro de mim, e, por estranho prodigio, senti-me todo agazalhado dentro de ti.

Escrevi hontem isto, depois de orar.

Feita a oração, tive a visão da minha propria alma, encontrada pela Fé, depois de a ter perdido durante annos de desvarios e angustias.

Será isto uma phantasia apenas?

Esta alma, que hoje chora e palpita em mim, que eu ouvi chorar com indifferença, e apenas pouco e pouco fui escutando com piedade, não viveu realmente, muitos annos, fóra do meu ser, depois que a expulsei com libertinagens e blasphemias, apesar de ser tudo quanto eu tinha de bello e puro, ao sahir do berço, aquelle altar que eu converti em tumba?

Não sei. Mas foi n'uma noite calma e religiosa que eu pude alcançar a triste e linda caminhante, e desde então, nunca a mais vi ensanguentar diante de mim os pés de jaspe, porque, para poupar os d'ella, ensanguento eu os meus, invencivelmente, consoladamente, com o grande extasis de soffrer pelo que de melhor me dispensou o Senhor, ao dar-me a vida, o direito de procurar a Eternidade.





# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos



### O graneiro

marechal de Saxe disse a um graneiro que ia ser enforcado por ter roubado seis francos:

—E's bem miseravel para arriscares a vida por seis francos!

—Então, meu general, não a arrisco eu todos os dias por cinco soldos?!

A resposta alcançou-lhe o perdão.

### Vil ella

Azedou-se uma discussão entre Francisco Villela Barbosa, ministro de D. Pedro I do Brazil, e uma senhora, que lhe disse irada:

V. Ex.<sup>a</sup> é um homem cujo appellido começa por *Vil*.

Vil, não, minha senhora, *Vil ella*.

### Uma lacedemonia

Os filhos d'uma illustre lacedemonia fugiram espavoridos d'uma batalha, mas a mãe fê-lhes recuar, gritando-lhes:

—Para ondes ides, escravos fugitivos e pusilanimes? Quereis entrar outra vez d'onde sahistes?

### Mendigo afortunado

Um mendigo pediu esmola a Alexandre Magno, e este, que acabava de conquistar uma cidade, fez-lhe presente d'ella. O mendigo tomou a dadiva como zombaria e continuou insistindo na esmola. Então Alexandre disse-lhe:

Acceita o que te dou, porque eu bem sei que tu és um pobre que pedes esmola, mas tu deves saber que é Alexandre quem t'a dá.

### Bem proceder

Um amigo ao philosopho Crysipo:

—Acautella-te, olha que os teus emulos murmuram de ti.

—Descança. Eu viverei e procederei de sorte que ninguém lhes dê credito.

### Homem de bem

Alexandre Magno mandou cem talentos a Thocion, illustre guerreiro atheniense. Maravilhado, Thocion perguntou aos embaixadores:

—Porque me manda Alexandre esse dinheiro?

—Porque sabe que sois homem de bem.

—Pois então que me deixe sê-lo.

E recusou o presente.

### Suspiros e lagrimas

Virgilio tinha por costume andar sempre suspirando, e Horacio soffria dos olhos a ponto de os ter sempre remelosos.

Octaviano Cesar disse, estando um dia sentado entre os dois.

—Estou sentado entre suspiros e lagrimas.

### O jogo de xadrez

Evilmerodach, rei de Babylonia, tendo esmagado os seus inimigos n'uma famosa batalha, encarregou a um poeta da sua côrte um poema, que passasse á posteridade a grandeza do seu heroismo.

Levou-lhe o vate um jogo de xadrez e ao espanto do rei, respondeu:

—N'este jogo ha rei, dama, delphim e piões. Enquanto o jogo dura, o rei tem o seu throno, o delphim o seu logar, a dama o seu estrado, e o pião o seu officio; mas, acabado o jogo, damas, delphins e reis egualmente com os piões vão aos saes.

### Rochefoucault

O cardeal Rochefoucault lembrava a Lniz, o Justo, sempre que havia de prover algum cargo:

—Convem procurar homens para os logares e não logares para os homens. E' mais conveniente comprar um homem para um officio do que vender o officio ao homem.

TITO FLAVIO.